

Do filme à história em quadrinhos: um trabalho de retextualização no 4º ano do ensino fundamental

From the movie to comic books: a work of retextualization in the 4th grade of elementary school

Luciano Pereira NUNES (UFPA)

lucpnunes@hotmail.com

Lorena Bischoff TRESCASTRO (UFPA)

lbtrescastro@hotmail.com

NUNES, Luciano Pereira;
TRESCASTRO, Lorena Bischoff. Do filme à história em quadrinhos: um trabalho de retextualização no 4º ano do ensino fundamental. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 353-369, jul./dez. 2016.

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta didática de retextualização baseada na produção de histórias em quadrinhos a partir de um filme assistido por alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Duas questões nortearam o estudo: (1) como realizar um estudo de retextualização? (2) o que fazer para que os alunos escrevam textos? O estudo está fundamentado em Bakhtin (1997), Marcuschi (2001), Moraes (2004), Ramos (2012) e Rojo (2006). Na análise dos dados, pode-se evidenciar a possibilidade de um trabalho didático de retextualização de um filme em história em quadrinhos e da escrita associada ao desenho com o uso das linguagens verbal e não verbal.

Palavras-chave: Retextualização. Proposta didática. Letramento.

Abstract: This paper presents didactic proposal for retextualization based on the production of comics from a movie assisted by students from the 4th grade of elementary school. Two questions guided the study: (1) how to perform a study of retextualization? (2) what to do for students to write texts? The study is based on Bakhtin (1997), Marcuschi (2001), Moraes (2004), Ramos (2012) and Rojo (2006). In the data analysis, it can show the possibility of a didactic work retextualization a movie in comics and writing associated with the design with the use of verbal and non-verbal languages.

Keywords: Retextualization. Proposal didactics. Literacy.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre uma proposta didática de retextualização baseada na produção de histórias em quadrinhos a partir de um filme por alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. O uso de filmes como recurso didático não é uma novidade, mas o que propomos aqui é evidenciar a possibilidade de se realizar um trabalho de retextualização de um filme em história em quadrinhos em contexto escolar como uma estratégia de aprendizagem para a escrita de texto pelo aluno.

A proposta foi elaborada a partir da situação com que nos deparamos no estágio de docência, realizado pelo primeiro autor deste artigo, durante o curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental em escola pública, em Belém-PA, quando foi verificado, em observações de aulas de língua portuguesa, que a professora priorizava atividades de leitura e cópia à produção de texto pelos alunos e que, quando solicitados a escrever texto próprio, parte dos alunos ainda não dominava plenamente as habilidades de leitura e de escrita de textos.

No decorrer do estágio, foi observado que os alunos pouquíssimas vezes foram incentivados a produzir textos, as atividades de escrita, normalmente, se restringiram à cópia de textos escritos no quadro pela professora e do livro didático. No entanto, de acordo com os PCNs (1997), são dois os enfoques para o trabalho didático de Língua Portuguesa na escola: um diz respeito ao uso, por meio de práticas de leitura e de produção de textos orais e escritos, e outro visa à reflexão e análise linguística de aspectos específicos da Língua Portuguesa.

A problemática da aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais de escolarização é desafiadora. Nossa intenção foi elaborar uma proposta que envolvesse os alunos nas atividades escolares e criasse

condições para que eles escrevessem textos próprios. Por isso optamos em realizar um trabalho de retextualização baseado na produção de histórias em quadrinhos a partir de um filme. A escolha se deu em virtude de a imagem fílmica e o desenho nos quadrinhos, associados à palavra e à escrita, apresentarem uma narrativa e nos permitirem trabalhar tanto com a linguagem verbal quanto com a linguagem não verbal.

Entendemos por retextualização o processo de produção de um texto novo a partir de outro já existente (MARCUSCHI, 2001). Assim, a atividade de retextualização se constitui em um meio de produção de novos textos. As possibilidades de retextualização não se restringem à transformação da fala em escrita, mas pode incluir atividades da fala para a fala, da escrita para a escrita, da escrita para a fala, e, no caso deste estudo, de um filme, que é uma produção audiovisual, com recepção sonora e visual, para a história em quadrinhos, cuja recepção é visual.

A proposta didática de retextualização tomou como ponto de partida o filme *Procurando Nemo*, gênero do audiovisual, para os alunos produzirem um novo texto escrito, no caso, uma história em quadrinhos, gênero da mídia impressa que agrega linguagem verbal, na escrita do texto e, mais especificamente, nas falas dos personagens, e não verbal, na organização dos quadrinhos e no desenho das cenas que compõem a narrativa. Assim como os quadrinhos, a narrativa fílmica é constituída de uma sequência de imagens e da fala de personagens.

Quanto à escolha em realizar uma proposta didática de retextualização com filme e história em quadrinhos, em primeiro lugar, entendemos que “o uso de filmes na escola tem sido realizado segundo a necessidade de inovação dos recursos didáticos” (MORAES, 2004, p. 54). Isso porque um filme, por sua linguagem audiovisual, desperta o interesse do aluno para a história, instiga a sua imaginação e a sua sensibilidade e, também, fornece elementos narrativos para que possa escrever.

Em segundo lugar, a história em quadrinhos, assim como o filme, apresenta uma linguagem não verbal, representada por imagens e desenhos das cenas, e verbal, pela representação das falas dos personagens, ainda que, no filme, a língua usada esteja na modalidade oral e, nos quadrinhos, a língua seja utilizada na modalidade escrita. Além da mudança de gênero discursivo, na passagem da narrativa do filme, que usa recursos audiovisuais, para a história em quadrinhos,

que usa recursos visuais com imagens e escrita, a passagem da língua oral para a língua escrita consiste, segundo Marcuschi (2001), em uma forma de retextualização.

Para fins de apresentação, o artigo foi organizado em quatro seções. A primeira traz uma abordagem sobre retextualização como prática de letramento. A segunda apresenta os aspectos metodológicos, as etapas de execução da proposta didática, o *locus* e os sujeitos da pesquisa. A terceira seção relata o desenvolvimento da proposta didática em sala de aula e suas reflexões. E, por fim, foram expostas as análises dos textos dos alunos.

Aportes teóricos: a retextualização como prática de letramento

A elaboração de uma proposta didática de retextualização nos leva a focalizar o estudo de gêneros discursivos na perspectiva das práticas escolares de letramento. De acordo com Bakhtin (1997), dispomos de uma variedade de gêneros do discurso, sejam eles orais ou escritos, que são usados nas mais variadas práticas sociais e atividades de linguagem a cada momento que uma pessoa recebe ou troca (ouvindo ou lendo) e emite ou produz (falando ou escrevendo) mensagens em diferentes gêneros nas múltiplas situações de comunicação.

Para haver interação verbal, são necessárias, além das formas da língua natural (léxico e gramática), as formas do discurso. Essas formas, relativamente estáveis, flexíveis e combináveis, são justamente o que se denomina gênero. Segundo Bakhtin (1997), a variedade de gêneros do discurso, utilizados na comunicação entre as pessoas, é infinita e inesgotável, pois eles decorrem das mais diversas atividades humanas. No processo de formação de um gênero discursivo, um gênero absorve e modifica componentes de outro gênero ou de mais de um gênero. Desse modo, podemos identificar em um gênero aspectos que se assemelham e se distinguem de outro.

A variedade de gêneros discursivos utilizada socialmente pode ser tomada como objeto de ensino e de aprendizagem da linguagem, na elaboração de propostas e atividades didáticas no estudo da oralidade, da leitura, da escrita e das reflexões pertinentes às características textuais e aos elementos de análise linguística, nas práticas escolares de língua portuguesa para fins de letramento de crianças, jovens e adultos. Kleiman (1995, p. 19) afirma que “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto

sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

De acordo com Soares (1998), o termo letramento está associado ao exercício efetivo e competente da tecnologia da língua escrita, nas situações efetivas em que se torna necessário ler e produzir textos. O professor pode, no contexto da sala de aula, levar o aluno a vivenciar práticas com diferentes gêneros, tal qual eles são utilizados em sociedade, seja por simulação, seja por estudo de textos, seja pelo uso efetivo do texto em uma situação discursiva em que ler e escrever faz-se necessário.

De qualquer forma, com o ensino da língua portuguesa a partir de textos, ao se utilizar a língua em “suas relações com a cultura e as práticas sociais, com a interação, com o ensino-aprendizagem” (ROJO, 2006, p.11), consegue-se realizar um trabalho didático tendo em vista o letramento. A ideia de letramento pressupõe relacionar as mediações ocorridas entre os sujeitos e suas relações sociais e o mundo da cultura escrita. As atividades de letramento envolvem um conjunto de habilidades, de comportamentos e de conhecimentos capazes de compor o processo de produção do conhecimento da linguagem. Letramento envolve também o uso da leitura e da escrita, tal qual propomos na proposta de retextualização que ora discutimos.

Conforme Marcuschi (2001), a retextualização pode ser definida como o processo de produção de um texto a partir de um ou mais textos já existentes que funcionam como um texto-base. Em eventos linguísticos cotidianos, a atividade de retextualização é exercida para atender a diferentes propósitos comunicativos, por exemplo, uma pessoa comunica à outra os suprimentos que estão faltando em sua dispensa e esta produz uma lista de compras; um aluno faz anotações enquanto assiste à explicação de um professor em sala de aula; uma pessoa conta para outra pessoa o que assistiu em um jornal televisivo. Ainda que estejam integradas à rotina das pessoas, estas atividades são complexas, pois interferem tanto na linguagem, no suporte e no gênero, como no sentido do texto, porque quando se produz um novo texto a partir de outro se modifica a finalidade, a intenção, o interlocutor, os conhecimentos compartilhados no texto, bem como o espaço e o tempo de produção e recepção.

A esse respeito, Matêncio (2002) esclarece que a retextualização constitui a produção de um novo texto a partir de um texto-base e que a atividade de retextualizar pressupõe tanto relações entre gêneros e

textos quanto relações entre discursos. A atividade de retextualização implica em modificações textuais e discursivas, em função da alteração dos propósitos comunicativos ou dos gêneros envolvidos na atividade, a fim de ajustá-lo à nova situação discursiva. De modo que retextualizar não é simplesmente transpor um gênero discursivo em outro, pois envolve um trabalho intelectual. A retextualização compreende reorganização das sequências argumentativas e condensação de ideias, que nem sempre são trabalhadas nas atividades escolares.

Para Marcuschi (2001), há várias possibilidades de se realizar atividades de retextualização: de texto oral para texto oral; de texto oral para texto escrito; de texto escrito para texto escrito; de texto multimodal para texto oral; de texto multimodal para texto escrito; de texto não verbal para texto escrito; de texto verbal oral ou escrito para não verbal. Ainda que se baseie em um texto já conhecido lido ou ouvido anteriormente, cada texto resultante da atividade de retextualização é único, pois gera significado e usa a linguagem em sua materialização, constituindo um novo discurso.

O filme é um gênero audiovisual composto por três linguagens, a verbal, a sonora e a visual, que, conjugadas, transmitem uma mensagem singular. “A leitura dessas linguagens pressupõe o conhecimento dos seus elementos, seus códigos e processo de construção” (SEED-PR, 2016). Para o trabalho com filmes, é importante que o professor e o aluno realizem a leitura de imagens de forma crítica e aprofundada, reconstruindo significativamente a história ao produzir o novo texto, na atividade de retextualização, levando em consideração aspectos das linguagens verbal e não verbal, relativos à imagem, aos sons, às falas dos personagens, à existência ou não de um narrador; aos aspectos geográficos característicos do espaço, socioculturais e históricos pertinentes ao tempo da narrativa, aos valores e emoções que evoquem nos alunos e os mobilizem a escrever um novo texto.

A história em quadrinhos é um gênero multimodal composto de signos verbais e visuais conjugados para compor uma narrativa. “Ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal)” (RAMOS, 2012, p.14). Para Eisner (1999), os quadrinhos podem ser definidos como uma forma de arte sequencial, pois a história em quadrinhos é uma sequência de acontecimentos ilustrados. Os quadrinhos podem ou não utilizar a linguagem verbal em suportes próprios do gênero (balões e legendas) e apresentam uma linguagem simples e acessível, conforme a temática abordada. A linguagem não

verbal é uma das principais características das HQs, o que possibilita a primeira interação das crianças com o gênero e, conseqüentemente, antecede a escrita. Outro aspecto das HQs são as onomatopeias que são as figuras de linguagem que representam sons.

Segundo Ramos (2012, p.18), “as histórias em quadrinhos representam aspectos da oralidade e reúnem os principais elementos narrativos”. Com relação aos elementos narrativos, podemos destacar a presença de personagens, enredo, tempo, espaço e narrador. Sendo a história do filme também uma narrativa, nela constam tais elementos, de modo que a retextualização do filme para a história em quadrinhos tende a preservar tais elementos e ajudar os alunos a terem elementos para escrever e criar a partir do filme uma nova história. Além disso, normalmente, filmes e histórias em quadrinhos pertencem às atividades de linguagem realizadas pelas crianças cotidianamente no espaço extraescolar, assim, o que elas evocam de tais experiências pode colaborar para as aprendizagens dessas práticas de letramento na sala de aula.

Aspectos metodológicos: a proposta, o locus e os sujeitos

359

Duas questões nortearam o estudo da proposta didática de retextualização. A primeira questão foi: *como realizar um estudo de retextualização?* Esta questão se constituiu em uma provocação que nos levou a buscar os fundamentos teóricos sobre retextualização e letramento. E a segunda, vinculada à primeira, foi: *o que fazer para que os alunos escrevam textos?* Esta questão nos instigou a refletir sobre as práticas de ensino da linguagem observadas em sala de aula e a elaborar a proposta didática.

O locus da pesquisa foi uma escola pública estadual, localizada no bairro do Guamá, em Belém-PA. Os procedimentos metodológicos da pesquisa, de cunho qualitativo, compreenderam cinco etapas: (1) estudo bibliográfico; (2) observação em sala de aula; (3) elaboração de uma proposta didática; (4) execução da proposta em sala de aula; (5) análise dos resultados obtidos.

A proposta didática de retextualização envolveu dez etapas: (1) levantamento junto aos alunos dos filmes conhecidos; (2) seleção de um filme a ser assistido, por eleição; (3) leitura da sinopse do filme; (4) o filme foi assistido pela turma; (5) conversa sobre a narrativa do filme, destacando personagens, enredo, tempo e espaço da história; (6) estudo

da forma de apresentação do gênero textual história em quadrinhos; (7) leitura e exploração de revistas em quadrinhos, destacando as características do gênero; (8) elaboração de histórias em quadrinhos a partir da narrativa do filme; (9) troca de histórias em quadrinhos, tornando os alunos leitores e revisores dos textos dos colegas; (10) seleção e exposição das histórias.

A execução da proposta didática ocorreu em três dias de aula, perfazendo um total de 585 minutos, no período de 01 a 03 de dezembro de 2015, em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, composta por 21 alunos, sendo 11 meninas e 10 meninos. A faixa etária da turma é de 9 a 13 anos de idade.

Os registros foram feitos, diariamente, através de diário de campo e fotografias para fins de documentação das atividades realizadas com a turma. Foram recolhidas as produções textuais dos alunos com o objetivo de se proceder à análise das histórias em quadrinhos elaboradas na atividade de retextualização.

As histórias em quadrinhos, produzidas pelos alunos, serviram de *corpus* de análise neste estudo, pois, ao olhar para a produção dos alunos, podemos evidenciar a possibilidade de um trabalho didático de retextualização do filme em história em quadrinhos e o uso da escrita, associado ao desenho.

Relato da experiência: a proposta didática de retextualização

Refletir sobre as práticas escolares de produção de texto por alunos em processo de aprendizagem da leitura e da escrita requer do professor posicionamentos teórico-metodológicos para conduzir tais atividades em sala de aula. Para tanto, como pressuposto inicial desta pesquisa, foi utilizado o conceito de letramento enquanto prática social e a proposta desenvolvida em sala de aula teve como foco a aprendizagem da escrita.

As atividades relacionadas à proposta didática começaram no dia primeiro de dezembro de 2015. Inicialmente, foi feito um levantamento, junto aos alunos, em roda de conversa, a respeito dos filmes infantis que eles já tinham assistido, quais mais gostaram e por quê? Com isso, chegou-se ao levantamento de seis filmes: *Cinderela*, *Era do Gelo*, *Frozen*, *Madagascar*, *Meu Malvado Favorito* e *Procurando Nemo*. Os mais citados foram: *Nemo* e *Frozen*. Então, foi feita uma votação com a turma para escolher o filme que iríamos trabalhar. *Procurando Nemo* foi o filme mais votado, com um total de treze votos.

Em seguida, dialogamos com os alunos, em roda de conversa, acerca do filme escolhido. Foi pedido para que os alunos narrassem qual a parte do filme havia lhes chamado mais atenção, bem como a descrição dos personagens, dos lugares e dos tempos em que a história se passava. Neste momento, foi possível a interação necessária para realizar este trabalho e verificar o conhecimento dos alunos sobre o filme. Depois, foi apresentada a sinopse do filme.

A partir daí, tornou-se possível realizar a primeira conversa a respeito de gêneros textuais. A primeira leitura da sinopse foi feita em voz alta pelo estagiário, enquanto professor da turma. Depois, foi entregue a cópia impressa da sinopse para a leitura silenciosa e feita a leitura compartilhada em voz alta pelos alunos. Neste dia foi trabalhado o gênero sinopse de filme.

No dia 02 de dezembro de 2015, assistimos ao filme *Procurando Nemo*, com duração de 100 minutos. Neste momento, foi solicitado aos alunos que prestassem atenção ao filme para que pudessem compreender a história, pois precisariam conhecer a narrativa fílmica para a produção de história em quadrinhos. No momento da apresentação do filme, os alunos mostraram-se atentos. Depois, conversamos sobre o filme, destacando: personagens, enredo, tempo e espaço da história.

Em seguida, estudamos a forma de apresentação do gênero textual história em quadrinhos. Primeiro mostramos o gênero e depois fizemos uma exposição dialogada sobre como são feitas as HQ e seus diferentes tipos, também trabalhamos os elementos visuais e a estrutura da HQ's: tipos de balões, personagens, falas e onomatopeias. Os alunos puderam explorar o gênero HQ, ou seja, manusear, escolher e ler diversas revistas em quadrinhos. Ao final da leitura, conversamos sobre o que eles conseguiram entender sobre as histórias lidas, destacando a temática e as características do gênero. Neste dia, foram trabalhados dois gêneros: o filme e as histórias em quadrinhos, destacando as características das HQs, para que os alunos tivessem elementos para a retextualização.

Em 03 de dezembro de 2015, a aula começou com uma roda de conversa recapitulando o filme *Procurando Nemo*, para favorecer a produção de HQs pelos alunos. No decorrer da produção, o estagiário dialogou com os alunos, mediando a atividade e orientando-os quando necessário. Após a conclusão da atividade, fizemos a socialização das produções, em que cada aluno leu a sua produção e cada um pôde perceber o que deixou de abordar em sua história ou na história do colega.

Na execução da proposta, percebemos que a turma não costumava fazer atividades de retextualização como a que realizamos, embora o fizessem em seu cotidiano, conforme Marcuschi (2001). Também observamos que os alunos não tinham contato frequente com HQs. Por isso, a leitura e a exploração de revistas em quadrinhos, em aula, foram relevantes para a compreensão das características do gênero pelos alunos. Mesmo assim, devido ao pouco conhecimento de HQs, alguns alunos apresentaram dificuldades na produção do texto, mas, com a intervenção e o acompanhamento pelo estagiário, no decorrer da atividade, todos conseguiram finalizar sua história.

Análise dos textos: do filme à história em quadrinhos

Dentre os textos produzidos pelos alunos, selecionamos uma história em quadrinhos para ilustrar nossa análise. Esta história foi escolhida por apresentar uma peculiaridade em relação às demais, a história de Paulo (9 anos) iniciou quando o Nemo ainda era um 'ovo'. De modo que apresentou o nascimento do personagem, que é um peixinho que vive no mar e anseia por liberdade, a fim de nadar sozinho pelo mar, diferentemente da maioria das histórias que iniciou quando o Nemo ingressou na escola. A escolha do filme se deu, provavelmente, pelos alunos se identificarem com aspectos do perfil do protagonista.

Em média, as histórias foram organizadas em catorze quadrinhos, mas a história de Paulo foi escrita em vinte quadrinhos, nos quais constaram tanto texto verbal (escrita) quanto não verbal (desenho). Para fins de análise, dividimos a história de Paulo em cinco partes, sendo que cada parte apresenta quatro quadrinhos. Em seguida, para facilitar a compreensão do leitor, segue a transcrição normalizada da fala dos personagens que consta nos balões da história em quadrinhos.

Figura 1 – Introdução da HQ's



Q 1: Pai – Pode ser Marlim.

Mãe – Eu acho melhor Nemo.

Q 2: Pai – Não faça movimentos rápidos.

Q 3: Pai – Calma, papai está aqui. Seu nome vai ser Nemo.

Q 4: 2 anos depois

Nemo – Pai, primeiro dia de aula, pai primeiro dia de aula!!!

Pai – zzz...

A maioria das narrativas iniciou quando o protagonista Nemo acordou seu pai Marlyn para ir ao seu primeiro dia de aula. Porém, Paulo começou sua história com os pais de Nemo escolhendo seu nome, por ocasião de seu nascimento, como se vê no Quadrinho 1 – Q1. No segundo quadrinho (Q2), o pai orienta o filho a não fazer movimentos rápidos diante dos tubarões, que são peixes grandes. Já no terceiro quadrinho (Q3), Marlyn acalma seu filho e comunica seu nome. No quarto quadrinho (Q4), é informada, em uma legenda, a passagem do tempo, e Nemo, entusiasmado com a chegada do primeiro dia de aula, tenta acordar seu pai. De modo geral, nos textos dos alunos, o tempo aconteceu cronologicamente, pois transcorreu na ordem natural dos fatos no enredo.

As onomatopeias, elementos presentes no gênero HQs, também estiveram presentes nos textos dos alunos, conforme consta no Q4, para representar que o pai está dormindo.

Figura 2 – Desenvolvimento da HQ's



Q 5: Pai – Filho, não precisa você ir hoje, talvez amanhã ou no outro ano.

Filho – ... (pensando)

Q 6: Professor Raia – Ehhh, olá! Eu sou o professor.

Pai – Olá, professor! Cuide bem dele.

Q 7: Nemo – Eu te odeio, papai!

Pai – Você não vai poder ir para lá, Nemo!

Q 8: Pai – Nemo volte já pra cá!

Não toque nisso, Nemo! (barco).

Quanto à temática, os textos produzidos pelos alunos, como vemos na história de Paulo, trataram o conteúdo do filme assistido, mantendo, nas histórias em quadrinhos, os personagens principais do filme e suas ações. No desenvolvimento, no Q5, Marlyn aconselha o filho a ir para a escola no ano seguinte, Nemo fica pensando, caracterizado pelo uso de reticências, como é usual em HQs. No entanto, Nemo prossegue com seu propósito, já que no Q6, encontra-se na escola diante do professor Raia. Nos quadrinhos seguintes, Q7 e Q8, Nemo manifesta seu desejo em nadar sozinho e é repreendido pelo pai, configurando o conflito do enredo.

Figura 3 – Desenvolvimento da HQ's



Q 9: (Sydney)

Pai – Nemo!

Q 10: Nemo – Quem é você?

Dory – Sou Dory.

Q 11: Nemo – Você viu um barco?

Dory – Eu vi sim, um barco. Ele foi por ali!

Nemo – Obrigado, muito obrigado!

Q 12: Bruce – Oi, meu nome é Bruce!

O espaço foi bem definido nos textos, tanto na linguagem verbal, quando os alunos citaram “o mar” nos diálogos, como na linguagem não verbal, nos desenhos e na predominância da cor azul, caracterizando o fundo do mar. Outro espaço mencionando foi Sidney, cidade australiana, que apareceu nos diálogos e nas imagens, como mostra o Q9. No Q10, Paulo ilustrou o encontro de Nemo com a amiga Dory e o diálogo entre eles prosseguiu no Q11. No Q12, ambos seguem pelo mar e eles encontram Bruce, outro personagem do filme, que é um tubarão que representa uma ameaça, pois Nemo não está mais com o seu pai, que, no início da história, protegia e orientava a respeito dos perigos do mar. Assim, esta parte da história, como a maioria das histórias produzidas pelos alunos, dá prosseguimento ao enredo, pois está coerente com o seu início.

Figura 4 – Desenvolvimento da HQ's



Q 13: Bruce – Oi, meu nome é Bruce!

E eu estou há três dias sem comer peixe.

Q 14: Bruce – HMNH... sangue.

Nemo – Corre!

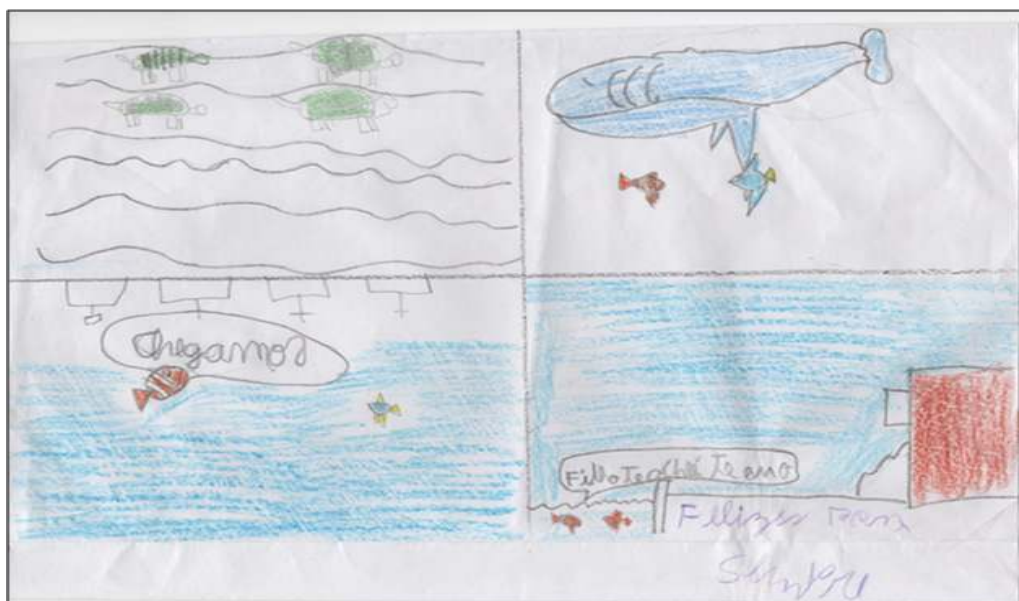
Q 15: Nemo – Não, vamos por cima.

Dory – Vamos por baixo.

Q 16: (Só imagens: águas-vivas, Nemo e Dory)

Na sequência, Nemo e Dory se deparam com Bruce faminto (Q13 e Q14) e fogem (Q15 e Q16). Nas histórias, os diálogos em balões foram usados para marcar a fala dos personagens em linguagem coloquial, utilizando o discurso direto. Os personagens aparecem explicitamente nos diálogos e nos desenhos feitos pelos alunos. Os alunos observaram as características do gênero história em quadrinhos, quando usaram os quadrinhos separando cada cena, escrita e imagem, ordenando-os em uma sequência lógica. Podemos observar que ora os quadrinhos apresentam escrita e imagem, como em Q13, Q14 e Q15, fazendo uso das linguagens verbal e não verbal, ora somente imagem, como se vê no Q16, com uso de linguagem não verbal apenas. Novamente, foi observado o uso de onomatopeias (Q14).

Figura 5 – Final da HQ's



Q 17: (Só imagens: corrente marítima)

Q 18: (Só imagens: Baleia, Dory e Marlin procurando Nemo.)

Q 19: Pai – Chegamos! (em Sydney)

Q 20: Pai – Filho te achei, te amo!

Felizes para sempre.

367

O predomínio de linguagem não verbal com uso exclusivo de desenhos ocorreu também em Q17 e Q18, cujas imagens dão uma ideia de movimento temporal e deslocamento dos personagens no mar até a chegada de Nemo e Dory em Sydney (Q19) e o reencontro emocionado de Nemo como pai (Q20), no final da história. Em relação aos acontecimentos, estes foram apresentados na mesma sequência da história do filme assistido pelos alunos, sendo que suas histórias apresentaram uma sequência completa e coerente, contendo: introdução, desenvolvimento e desfecho. O desenvolvimento apresentou a problemática do desencontro de ambos, quando Nemo se perdeu de seu pai, e terminou no momento do reencontro de Marlyn e Nemo.

Todas as histórias escritas pelos alunos apresentaram título no início do primeiro quadrinho, conforme observado nas revistas de histórias em quadrinhos lidas, antes da elaboração. Alguns alunos utilizaram a palavra “fim”, para anunciar o término da história, que é um recurso próprio do gênero, mas outros escreveram ao final: “Viveram felizes para sempre”, conforme se vê ao final da história de Paulo. É uma evidência de intertextualidade estilística¹ com outro gênero, que

¹ “A intertextualidade estilística ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com

são os contos de fadas. Paulo acessou, provavelmente, tal conhecimento do repertório de memórias discursivas de sua experiência de leitor.

Nos balões, podemos verificar, na história de Paulo, o fluxo da fala, a troca de turnos entre os personagens e o registro de uma linguagem tipicamente oral, espontânea e coerente, caracterizando o uso predominante da linguagem verbal e do discurso direto. Em dezessete quadrinhos, foi feito uso das linguagens verbal e não verbal, com o uso de escrita e desenhos. Já em três quadrinhos, Q16, Q17 e Q18, predominou apenas o uso da linguagem não verbal (desenhos).

O emprego parcial de pontuação foi observado na maioria dos textos, mostrando que os alunos já conhecem essa convenção da língua escrita, mas nem sempre a utilizam, como o emprego de ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação e reticências. Tal uso concedeu maior expressividade aos textos produzidos, por isso é um aspecto que deve ser estudado com os alunos visando à produção de textos.

Na análise dos textos, podemos verificar semelhanças entre as cenas do filme e os desenhos produzidos pelos alunos, obviamente que com recortes e sequências singulares, incluindo elementos próprios, uma vez que os textos produzidos a partir do filme são todos diferentes e autorais. Para tanto, em suas elaborações ficaram evidentes as operações de eliminações, transformações e acréscimos/alterações, próprias da retextualização, conforme Marcuschi (2001).

Considerações finais

Este estudo abordou a retextualização como prática de escrita no processo de letramento de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Assim, evidenciamos a possibilidade de se realizar uma proposta didática de retextualização de um filme em história em quadrinhos e da escrita associada ao desenho com o uso das linguagens verbal e não verbal.

Ao escolhermos um filme para elaborar uma proposta didática de retextualização em história em quadrinhos, destacamos a relevância de se trabalhar com recursos audiovisuais que motivem, instiguem e forneçam elementos para que o aluno produza textos próprios.

Enfim, propor uma atividade de produção de texto com base no estudo de outro texto, envolvendo uma atividade de retextualização

objetivos variados, repete, imita ou parodia certos estilos ou variedades linguísticas.” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p. 19).

como estratégia para o ensino de língua portuguesa, pode criar situações de ensino e aprendizagem das características linguísticas, textuais e discursivas dos gêneros envolvidos.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Língua Portuguesa. V. 2. 1997.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATÊNCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, 2002, p. 109-122.

MORAES, A. C. A escola vista pelo cinema: uma proposta de pesquisa. In: SETTON, M. G. J. (org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: AnnaBlume, USP, 2004, p. 53-65.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ROJO, R. (org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

SEED-PR. Secretaria de Educação do Paraná. **Linguagem audiovisual**. Disponível em: <http://www.cinema.seed.pr.gov.br>. Acesso em: 08 mar. 2016.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Recebido em: 15 de ago. de 2016.
Aceito em: 27 de dez. de 2016.